

Tia Eva: Uma história de resistência e fé

Myleide Meneses de Oliveira Machado¹

Este artigo mostra a trajetória através das memórias a de vida Tia Eva, fundadora da atual Comunidade Quilombola São Benedito, também nomeada Comunidade Tia Eva, localizada no bairro Jardim Seminário, na cidade de Campo Grande no estado de Mato Grosso do Sul, formada no início do século XX. A história da comunidade se confunde com a própria história de Tia Eva, escrava nascida em Mineiros, Goiás, Eva Maria de Jesus. Casada por duas vezes, Eva Maria teve três filhas: Joana, Lazara e Sebastiana. Em 1887, aos 49 anos, Tia Eva obteve sua carta de alforria, saiu de Goiás em 1905, chegando a Campos de Vacaria, hoje Campo Grande, onde trabalhou como lavadeira, parteira, cozinheira, curandeira e benzedeira, sabia ler e escrever, procurada por inúmeras pessoas, tornou-se referência na comunidade, o que lhe rendeu alguns benefícios financeiros. Até que, em 1910, adquiriu uma terra de oito hectares que lhe custou 85 mil réis, onde atualmente residem seus descendentes. Foi idealizada. Como uma liderança religiosa na época, pois trazia consigo a missão cumprir uma promessa, construir a igreja de São Benedito, quando alcançasse a cura de uma enfermidade na perna e ali fixaria residência. A fundadora desta comunidade morreu em 1926, e antes de morrer pediu a seus descendentes que não deixassem de rezar ao seu santo, esta promessa continua a ser cumprida até hoje. Recolhendo entre membros idosos da comunidade suas lembranças de um tempo passado quando havia, segundo grande parte dos depoentes, “muita dor” e “tristeza” e “fé”, percebidas pelos relatos transmitidos da vida de Tia Eva. No caso da Comunidade de Tia Eva, acolhia e abraçava indivíduos de toda parte, criando uma organização solidária e estendida por todas as comunidades negras da região de Campo Grande. A devoção de Tia Eva por São Benedito perpassa sua vida. Acometida por uma chaga na perna direita que não curava em razão da fragilidade da medicina da época agarra-se à fé, à devoção ao Santo. Desse modo a identificação devocional compartilhada produziria frutos, mantendo-a firme em seus objetivos. A fé no Santo Preto desperta em tia Eva assim como em outros

¹ Mestra em História pela UFGD, especialista em EAD pela UCDB, membro ativo do Grupo TEZ, Grupo de Pesquisa GEPPEHER- UEMS e Professora de História no Ensino Básico.

escravizados/as um sentimento de gratidão pelas graças alcançadas. Gratidão que é expressa na realização da primeira Festa de São Benedito, em 1919, e que se torna tradição, a herança mais inerente a todos os descendentes. Lembramos que, depois da abolição, muitas negras foram morar em casas dos bairros periféricos das cidades, mas Tia Eva permaneceu ainda por um bom tempo na fazenda dos Vilela. Tia Eva, vivia esperanças de realizar seu sonho, ter seu pedaço de terra, conforme havia pedido a São Benedito. O papel das mulheres era dividido: algumas iam para o centro da vila com as crianças para vender os doces e outros produtos feitos e colhidos (hortaliças, mandiocas...) na Comunidade, enquanto outras trabalhavam como lavadeiras, cozinheiras e empregadas domésticas. Os homens faziam o serviço da roça, trabalhavam como carpinteiros, pedreiros e peões de fazenda. Essas famílias de negros eram a força de trabalho para a Vila de Campo Grande. (SANTOS, 2014, p. 259. Podemos constatar que a construção da “igrejinha” foi fator marcante dentro da contextualização história da vida de Tia Eva e seus descendentes, algumas características da construção e fatos devem ser descritas com maior atenção, dentre eles a tradicional Festa de São Benedito. Tia Eva manteria a data do festejo a São Benedito em dia diferente ao do calendário oficial da igreja Católica, 4 de abril. Seu Otavio Gomes Araújo, 80 anos explica o motivo: “ No mês de maio, como aqui não tinha luz era num domingo que mais tinha luz na época, lua cheia e mais próximo do dia 13 de maio. Apesar de ter sofrido algumas modificações e adaptações, essa Festa ainda é um momento muito importante entre os mais velhos e os mais jovens. Isso mostra a importância das relações familiares no grupo e sua contribuição e participação como reafirmação da promessa feita por Tia Eva. A festa de São Benedito ainda é um momento de aproximação entre os descendentes dessa Irmandade, período de reencontros das antigas alianças e de construção de novos laços de solidariedade. Aos 78 anos de idade, falece Tia Eva no dia 11 de novembro de 1926. Segundo Seu Sergio, a causa de sua morte nunca foi exatamente esclarecida, o que se pode observar em sua certidão de óbito. Ela adoeceu e em poucos dias veio a falecer. Foi enterrada na igrejinha de São Benedito. Relatam que a cidade toda parou e vieram pessoas de toda a região para homenageá-la. Após sua morte as lideranças religiosas e políticas foram passadas para sua filha mais velha, Dona Sebastiana Maria de Jesus, que retornou com sua família para a Comunidade. Candau (2009) afirma que memória étnica ou religiosa, por exemplo, “se constrói comumente

em referência [...], que contribui de maneira diferenciada, mas sempre predominante, à construção do patrimônio de grupo, e por consequência, sua identidade [...]”. Seu Sergio nos relata que sua mãe presenciou a morte de Tia Eva, e isso parece marcar muito sua vida, acentuando envolvimento dele com as causas da Comunidade, se tornando adquirindo para si um potencial de liderança que ainda é muito forte. Reafirmam o sentido de “comunidade” por meio de uma unidade advinda do parentesco, que surge com força na época da Festa. Confirmamos quanto as ações do grupo no presente e no passado desta Comunidade tem como referencial, herança deixada e passada de geração para geração, que perfeitamente se encaixa nos seus mais valorosos bens culturais, com uma significação pessoal. Uma história que permanece nos relatos orais da Comunidade campo-grandense, através do tempo, afirmando o seu espaço dentro da cidade. A comunidade parece buscar para si esta força que antes parecia adormecida. Há então, uma relação muito estreita entre a identificação com território, sua localização e a relação de ancestralidade determinante, que embora, não se encaixa nos padrões de linhas de sucessão genealógica, mas que vai além, é carregada de lealdade as regras construídas por eles mesmos. Portanto, a tradição, materializada na terra e na promessa deixada por Tia Eva em contradição com a realidade vivida pelos descendentes no presente envolvidos em contextos totalmente diferentes do passado. Um distintivo marcado pelos valores mais tradicionais da comunidade expressos pelos “antigos” e talvez de modo um pouco modificado pelos “novos” mais suficientes para constituírem uma mobilização social atual. O seu reconhecimento como uma comunidade negra de remanescente quilombola encontrou respaldo em traços e símbolos deixados por ela e que se repetem em seu modo de vida, sua religiosidade, sua memória e seus laços sociais. Construídos em cima de uma ancestralidade viva e comum torna todas as pessoas iguais aos seus antecedentes. Isso constrói uma referência de pertencimento ao grupo, formando uma identidade étnica. O passado dos “descendentes de Tia Eva” está ligado à escravidão é também, hoje, uma marca geradora de instintividade que une as atuais gerações. Uma comunidade, que se inicia ali e deve ter ali o destino de seus sucessores, seguindo as regras de transmissão da terra e do seu lugar social.

Referência Bibliográficas

CANDAU, V. M. (2009a) **Multiculturalismo, Direitos Humanos e Educação: a tensão entre igualdade e diferença.** GECEC. Departamento de Educação, PUC-Rio/CNPq. (relatório final da pesquisa).

SANTOS, Carlos Alexandre P. Barbosa. **Fiés descendentes: redes – irmandades na pós abolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses,** - Brasília Editora Universidade de Brasília, 2014.